

Riacho Fundo no mapa da invasão

Área destinada à produção de alimentos foi fracionada em 1.350 lotes e já tem 389 residências

JAIRO VIANA

Os seguidos parcelamentos irregulares das chácaras destinadas à produção de alimentos estão destruindo o cinturão verde de Brasília, idealizado pelo ex-presidente Juscelino Kubitschek. Depois do loteamento das colônias agrícolas Vicente Pires, Arniqueira, Samambaia, Vereda da Cruz e do Núcleo Rural Taguatinga, a especulação imobiliária se volta para a Colônia Agrícola Supupira, no Riacho Fundo I.

Um total de 50 chácaras arrendadas pela extinta Fundação Zoobotânica para produção de frutas e hortaliças, na antiga fazenda foi fracionado e seus lotes, vendidos.

Ao contrário do que ocorreu na região de Taguatinga, a venda dos terrenos não foi feita por grileiros, mas pelos próprios arrendatários das chácaras. Eles dividiram os terrenos em 1.350 lotes de 800 metros quadrados cada, formando condomínios residenciais. Cada lote foi vendido por um valor que varia entre R\$ 18 mil e R\$ 22 mil.

No local, nos últimos seis anos, foram erguidas 389 casas, já ocupadas pelas famílias e outras 132 estão em fase de construção. Os moradores constituíram até uma associação, para defender os interesses dos compradores.

Intranquilos com a possibilidade de demolição das moradias pelos órgãos de fiscalização fundiária do gover-

no, os compradores dos lotes conseguiram uma liminar judicial de manutenção de posse, enquanto aguardam uma possível regularização da área ocupada.

"Compramos os terrenos porque os políticos nos incentivaram, com a promessa de regularização, já que uma lei do GDF autorizou a divisão das chácaras no Park Way. Estamos dispostos a pagar o valor arbitrado pela Terracap, desde que nos seja dado o direito de preferência, como no caso do Condomínio Hollywood", afirma o presidente da Associação de Moradores, o empresário Robson Silvio.

Dono de um lote de 1,2 mil metros quadrados, na Chácara 18, Robson contabiliza investimento superior a R\$ 300 mil com o imóvel. Construiu uma mansão de 422 metros quadrados no terreno, mas não tem qualquer garantia de que obterá a escritura definitiva. "Vamos lutar pela regularização da área e todos os compradores querem participar da licitação", diz.

A fiscalização da Administração Regional do Riacho Fundo está atenta para não permitir o surgimento de novos loteamentos e invasões no Riacho Fundo I. "Desde que assumi, no dia 6 de janeiro, os fiscais já retiraram mais de 500 barracos na QS-16, demoliram 58 casas nas QC-4 e QC-6. E montamos um plantão permanente para evitar invasões", diz o administrador, Emilson Mendes.



No setor, dividido em terrenos de 800 metros quadrados, estão sendo erguidas outras 132 casas

DENIO HURTADO

"Fomos idiotas de boa-fé"

Quando compraram os lotes nas chácaras da Colônia Agrícola Supupira, os atuais ocupantes sabiam que a área pertencia à Terracap. "Fomos idiotas de boa-fé", desabafa o presidente da Associação de Moradores, Robson Silvio. Ele assegura que se soubesse da dor de cabeça que teria para regularizar o terreno, não teria investido no local.

"Só comprei o lote porque fica perto da minha empresa",

revela Silvio, dono de uma oficina de bicicletas no Riacho Fundo I. "Com o dinheiro que gastei (R\$ 22 mil) poderia ter adquirido um terreno de 2,5 mil metros quadrados no Park Way, com direito à escritura definitiva", diz.

Na mansão onde mora com a família (mulher e dois filhos), Robson está proibido até de erguer muro ou cerca. "Se construí-los, os fiscais do Siv-Solo vêm aqui e derru-

bam", argumenta, indignado, o empresário.

Ele conta que 20% da área da Colônia Agrícola estão ocupados por empresários da cidade, que adquiriram os terrenos na esperança de o local ser transformado em área de mansão da cidade. Os demais são funcionários públicos e pessoas da classe média. Desde 1996, existem quatro inquéritos na Dema contra os parceladores da área.

UMA CRIAÇÃO DE JK

O cinturão verde foi idealizado pelo fundador de Brasília, Juscelino Kubitschek, como forma de garantir o abastecimento de frutas, legumes e hortaliças para os moradores da Capital da República, além de preservar o meio ambiente e os escassos recursos hídricos da região do Planalto Central.

Para isso, ele criou os núcleos rurais e as colônias agrícolas, circundando as então cidades-satélites.

Para cultivá-los, JK convidou um grupo de japoneses, especialistas na produção de alimentos. O mais emblemático deles foi Saburo Onoyama, cuja família ainda mantém a chácara às margens da Avenida Elmo Serejo, na ligação entre o centro e o norte de Taguatinga.

Onoyama é o criador de dois símbolos de Brasília: o limão tahity e a goiaba de quilo. Ambos foram produzidos, pela primeira vez, por meio de enxerto, na chácara de sua propriedade e, hoje, são os preferidos em todo o mundo por suas qualidades. O que JK não imaginava era que a proximidade das áreas rurais com os centros urbanos causasse a especulação destas áreas, a maioria hoje destruída pelos inúmeros parcelamentos irregulares.